



NILSON MOULIN

LEOPARDI

sempre atual

Giacomo Leopardi (1798-1837) nasceu e cresceu dentro de uma biblioteca: e fez plenamente jus à herança paterna decantada nos milhares de livros de Recanati. E nesta belíssima edição da Nova Aguilar, com mais de 1.000 páginas em papel-bíblia para a coleção Biblioteca Universal, Marco Lucchesi faz igualmente jus à confiança nele depositada pela editora e pelos admiradores do grande autor europeu. Até então conhecido como excelente tradutor, Lucchesi aqui realiza um *tour de force*, enquanto organizador e autor das notas e da “Introdução Geral” à obra de Leopardi: numa *ouverture* digna das centenas de páginas que se apresentarão num crescendo, o leitor poderá fruir em primeiro lugar “Carta para um Jovem do Século XX”, “Cronologia da Vida e da Obra”, “Iconografia” e “Fortuna Crítica”.

NILSON MOULIN
é tradutor e o único
brasileiro a ter
recebido o Prêmio
de Tradução do
Ministério da Cultura
da Itália.

*Giacomo Leopardi, Poesia e
Prosa, organização de Marco
Lucchesi, Rio de Janeiro, Nova
Aguilar, 1996.*



Nesta síntese de alguns anos de pesquisa laboriosa, Lucchesi consegue enfim desfazer certos ruídos na comunicação dos textos de Leopardi junto ao público brasileiro, resultado de traduções apressadas e da até então excessiva fragmentação do *corpus* de poesias. Para tanto, juntou os esforços dos seguintes tradutores: Affonso Félix de Sousa, Alexei Bueno, Alvaro Antunes, Ana Theresa Vieira, Edson Rosa da Silva, Ivan Junqueira, Ivo Barroso, José Paulo Paes, Maurício Dias, Vera Horn e Vilma Barreto de Souza. E tudo o que esta brilhante constelação de profissionais levou a bom porto não nos permite negligenciar as “Variações Leopardianas” no final do volume, em que podemos nos decepcionar com Rui Barbosa e amar ainda mais Mário Faustino tradutor e outros “ladrões de palavras”.

• • •

Quanto ao conjunto dos *Cantos* somado a *Opúsculos Morais*, *Carta aos Compiladores da Biblioteca Italiana*, *Discurso sobre o Estado Atual dos Costumes dos Italianos*, é ler para crer. Sua familiaridade com o grego, o latim, o hebraico, o espanhol, o francês e o alemão contribui para tornar um estilo incomparável, personalíssimo. Da leitura resulta uma única insatisfação: contra a miopia dos editores brasileiros que ainda não haviam farejado este filão...

A força surpreendente que emana de cada poema e de sua interação com a prosa erudita e requintada de Leopardi, num certo sentido, antecipa Rimbaud, tem pouco a ver com Schopenhauer, sempre citado quando se fala do autor de *Giesta*. O adjetivo *malatticio* (doentio, enfermiço), com tanta freqüência associado a boa parte da aristocracia européia desde a Revolução Francesa, só pode ser aplicado ao Leopardi das *Cartas*, cujos relatos de doenças são premonitórios de uma certa produção hipocondríaca que hoje nos é muito familiar. Lamentoso, implorando mesadas ao senhor conde arruinado e à senhora marquesa pão-dura, *mamma castradora*, oferece-nos uma visão do *ancien régime* italiano com pinceladas tão nítidas que poucos historiadores nossos contemporâneos conseguem apresentar com tamanha riqueza.

No que concerne ao inarredável *pessimismo* leopardiano, em especial nestes tempos de peste, exige ser redimensionado. O mesmo vale para os lugares-comuns que tentam

enquadrá-lo como o “poeta do tédio”, “anti-romântico”, “nostálgico do classicismo” e vários outros. Acreditamos que seja hora de varrer tudo isso à luz de F. De Sanctis (“... o maior poeta da Itália depois de Dante”), Nietzsche e, bem próximos de nós, Walter Binni (*O Último Leopardi, A Si Mesmo*) e Cesare Luporini (*Leopardi e a Desilusão Histórica, Naufrágio sem Espectador*), ambos mestres do mestre Alfredo Bosi na Florença dos anos 60. Com leituras à esquerda, talvez consigamos captar mais algumas nuances desse “criador, inventor, não imitador”, justamente exaltado enquanto teórico da vanguarda por Haroldo de Campos.

A miniantologia do *Zibaldone* (apenas 149 páginas) cria consideráveis expectativas. A alquimia nietzschiana de peneirar ouro no caos tem aqui um estimulante precedente e sugere um desafio: se podemos afirmar que La Bruyère, Pascal, Montaigne, Montesquieu, La Rochefoucauld, Rousseau certamente inspiraram os *Pensamentos*, o que dizer diante das cerca de 4.500 páginas da versão integral do *Zibaldone*, editada em 1991 pela Garzanti de Milão? Poderíamos divertir-nos e ilustrar-nos identificando os diálogos do gigante Leopardi com os seus pares que povoam mais de 2.000 anos de literatura ocidental. E quem sabe até Harold Bloom, se conhecesse mais literatura italiana, poderia ampliar o seu *Cânone*?

Portanto, atenção M. Betânia Amoroso e outros tradutores temporariamente afastados do ofício pelos desencontros com a nossa indústria editorial: Leopardi chama, ainda restam mais de 4.000 p. do *Zibaldone* para serem recriadas em português.

Num plano mais biográfico, ao saber da correspondência, o leitor poderá surpreender-se com frases do tipo “... este lugar semibárbaro e semi-africano”, a respeito de Nápoles. Verificamos que Anna Maria Ortese (*Il Mare non Bagna Napoli*) não foi a primeira a golpear a mitologia napolitana... E as cartas a Antonio Ranieri permitem questionar o “individualismo exacerbado” que seria uma das marcas do primogênito de casa Leopardi. Em resumo, tudo é tão variado e atraente que o leitor vai se esquecer de reclamar do preço cobrado pela Nova Aguilar: para além dos inefáveis prazeres da leitura, terá feito um bom investimento, pois se trata de um daqueles livros aos quais voltamos sempre.